

# economia

## Indústria da transformação desacelera no Brasil

Alta dos juros, competição com produtos importados e custos elevados impactam atividade industrial no País

/ CONJUNTURA

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

A indústria da transformação passa por um cenário de desaceleração. A pesquisa de indicadores da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) mostra que, embora o Produto Interno Bruto (PIB) industrial tenha crescido nos últimos quatro trimestres em relação ao mesmo período de 2025, no campo da transformação houve um recuo de 0,9%. No acumulado de doze meses, levando o mês de maio como referência, embora o segmento tenha crescido em 0,7% a produção, houve uma queda de 3,7% no faturamento real.

“A atividade industrial está em duas velocidades. Por um lado, a indústria extrativa com um desempenho de destaque, principalmente puxada pela produção de petróleo, mas, também, com um desempenho bastante relevante na produção de minério de ferro. Por outro lado, a indústria da transformação vem andando de lado. Nos primeiros cinco meses de 2026, em relação ao mesmo período do ano passado, o avanço foi de apenas 0,2%, é muito modesto”, avalia a especialista em Políticas e Indústria da CNI, Larissa Nocko.

A entidade tem observado pelo menos três fatores que mo-

tivam esse compasso de espera no setor. O primeiro deles é o patamar elevado dos juros. A taxa Selic chegou a atingir o patamar histórico de 15% ao ano. Nos últimos meses, o Comitê de Política Monetária (Copom) está recuando o indicador gradativamente. Atualmente, os juros estão sob uma taxa de 14,25%, ainda considerada elevada.

“Isso desacelera a economia como um todo tornando o crédito mais caro. E desencoraja os empresários de adquirirem máquinas e equipamentos. Principalmente, pensando neles como consumidores, que iriam adquirir bens que precisam ser financiados. Além de que o patamar de endividamento das famílias e das empresas segue muito elevado. Embora já tenham tido três cortes na taxa Selic em 2026, a taxa segue elevada”, avalia Larissa.

Outro ponto é em relação à balança comercial brasileira. Conforme a especialista, a entrada de bens de consumo importados acumulada entre janeiro e junho de 2025 cresceu em 16%. “Isso é um fator bem complicado para os empresários industriais, porque eles acabam enfrentando uma competitividade bem acirrada com os produtos internacionais. É o caso das indústrias automobilística e de plásticos. Mas isso já é visto há algum tempo e não uma tendência tão recente”, acrescenta.



LUIZ HENRIQUE MAGNANTE/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC

Dependente do agro, afetado pelo clima, setor de máquinas e equipamentos apresentou um dos piores desempenhos

te”, acrescenta.

O terceiro ponto ressaltado por Larissa diz respeito aos altos custos de produção. “Em alguns setores não é tão simples fazer esse repasse de custos nos preços. Incluindo, quando falamos dessa entrada de importados existindo paralelamente”, explica. Outros elementos também podem impactar, em menor escala, como os relacionados à infraestrutura logística.

O tarifaço de Donald Trump, que incluiu sobretaxas de 40% a diversos produtos brasileiros em agosto de 2025, se mostrou como uma ameaça ao longo do ano passado.

Agora, com o fim desse percentual e o anúncio de uma nova tarifa de 25%, o temor reacende. Entretanto, a CNI aponta que o impacto foi mais intenso em algumas cadeias produtivas do que em outras, gerando um cenário estável de maneira geral.

“Houve diversos casos de fábricas que foram impactadas de forma significativa. Como as de metal, de forma geral, o setor de móveis, de aço e outros serviços de transporte. Nos setores que adequaram processos produtivos para corresponder às especificações técnicas do mercado americano, essas indústrias foram muito impactadas. Mas, quando

olhamos de forma agregada, os impactos foram observados muito mais no sentido de diversificação dos parceiros comerciais, compensando a queda do comércio realizado com os Estados Unidos”, avalia Larissa.

A especialista aponta que houve um aumento significativo do comércio realizado com a China – que já é o principal parceiro comercial do País, liderando as exportações e importações brasileiras.

Outros destinos que ampliaram sua participação nas exportações brasileiras foram o Egito e outros países asiáticos e latino-americanos.

## Fortemente vinculada ao segmento, economia do Rio Grande do Sul enfrenta desafios

No caso do Rio Grande do Sul, a desaceleração é nítida na própria divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre de 2026. Afinal, embora a variação da atividade industrial como um todo tenha sido positiva, os indicadores ficaram abaixo da média nacional no comparativo com o trimestre imediatamente anterior e com os três primeiros meses de 2025.

“Quando olhamos para a indústria, vemos que a indústria extrativa foi muito bem no País, crescendo 13,1% no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior. Mas, no Rio Grande do Sul, ela é pouco relevante em comparação ao Brasil. Por outro lado, a indústria da transformação cresceu enquanto a do Brasil caiu no período. Mas, dentro dela, tem

diversos setores que caíram, não foi um crescimento homogêneo”, ressalta o pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Martinho Lazzari.

Entre os setores da indústria de transformação que tiveram um bom desempenho, destaca-se o de produtos alimentares e bebidas, impulsionado pela abertura de mercados para produtos brasileiros, especialmente para carnes. Do outro lado, está o segmento de máquinas e equipamentos, que não teve um bom desempenho, sendo dependente das demandas da agropecuária – que enfrentou dificuldades climáticas nos últimos anos.

A Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) possui uma avaliação semelhante. A pesquisa de maio do Índi-

ce de Desempenho Industrial, divulgada no último dia 9 de julho, demonstrou uma queda considerada “bem forte” pelo economista-chefe da entidade, Giovanni Baggio.

O indicador refletiu uma retração de 1,6% nas compras industriais em maio em relação ao mês imediatamente anterior, embora tenham sido registrados avanços em fatores como o faturamento real, o emprego e as horas trabalhadas na produção. Mas o impacto é maior na comparação com maio de 2025. Nesse caso, o índice recuou 6,7%, com um desempenho negativo em todos os elementos que o compõem.

A maior retração foi registrada nas compras industriais (-11,4%), que voltaram a apresentar queda de dois dígitos após

dois meses de recuos menos intensos. Também houve redução no faturamento real (-10,3%), nas horas trabalhadas na produção (-8,4%), na massa salarial (-3,9%) e no emprego (-2,5%). A utilização da capacidade instalada também caiu 1,2 ponto percentual.

“Foi um ano muito difícil para a indústria gaúcha. Tivemos uma queda bem forte e considerável no índice por diversos fatores. Temos toda a materialização dos juros elevados, porque nossa indústria é muito produtora de bens de capital e sofre com a alta dos juros. Tem, ainda, a questão das tarifas dos Estados Unidos, que afetou muito o Rio Grande do Sul. As incertezas internas relacionadas às questões climáticas podem, talvez, ter afetado de maneira mais forte os últimos anos”, conjuntura Baggio.

Para o segundo semestre de 2026, o economista-chefe da Fiergs enxerga uma continuidade desse cenário de dificuldades. Entretanto, avalia que o índice é capaz de mostrar que há uma tendência à estabilização da atividade industrial no Estado apesar dos obstáculos.

“Estamos oscilando meses de alta com meses de queda, o que é típico do movimento de estabilização. Não podemos dizer que estamos em crescimento. Mas parece que aquela queda vertiginosa que vimos ao longo do ano passado, pelo menos, cessou. Ainda é uma queda muito elevada. No acumulado de janeiro a maio, o índice caiu 5,3%. Mas a queda não foi acelerada. Talvez isso seja algo positivo no meio desse cenário tão difícil”, projeta Baggio.